

PERCEPÇÃO DE PRECONCEITO EM INDIVÍDUOS DE MEIA IDADE E IDOSOS HOMOSSEXUAIS NOS CONTEXTOS DE FAMÍLIA, TRABALHO E AMIZADES

DOI: <http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i49.7921>



Larissa dos Santos Alves

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES – Brasil

Paulo Rogério Meira Menandro

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES – Brasil



Resumo:

O objetivo foi investigar como indivíduos de meia idade e idosos interpretaram e se portaram em situações nas quais se perceberam alvo de preconceito. O estudo é de natureza qualitativa e foram entrevistados seis idosos na cidade de Vitória (ES) em 2015, idosos contatados a partir da técnica “bola de neve”, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Para coleta de dados utilizou-se entrevista semiestruturada apoiada em roteiro contendo questões sócio-demográficas e abertas sobre situações possíveis de preconceito e discriminação sofridos, bem como as estratégias utilizadas pelos idosos para lidarem com as ocasiões nas quais acreditam terem sido discriminados nas relações familiares, amorosas, profissionais e de amigos, no ciclo de vida deles. Após a coleta de dados, as entrevistas foram transcritas na íntegra e tratadas segundo a análise de conteúdo categorial. Os resultados apontaram que metade dos participantes se sente apoiada igualmente a um heterossexual no que diz respeito aos direitos sociais garantidos por lei. Sobre episódios preconceituosos vivenciados em seus locais de trabalho ou seleções de emprego, a maioria disse que não havia sofrido. Contudo, há elementos ambivalentes na fala de alguns, revelando implicitamente situações as quais passaram, sendo ainda apelidados ou ofendidos com palavras pejorativas em relação à homossexualidade, havendo casos de agressões físicas sofridas. Nesse sentido, procuram se resguardar como maneira de proteção. Diante dos resultados, foi possível obter uma compreensão mais clara sobre o preconceito no contexto de vida dos participantes, podendo contribuir e ampliar as discussões acerca do fenômeno e da temática da homossexualidade e envelhecimento.

Palavras-chave: Preconceito; Homossexualidade; Envelhecimento.

Introdução: o preconceito em estudo.

À medida que os fenômenos intergrupais passaram a ser estudados pelo conjunto das ciências sociais já no início do século XX, em contexto no qual eram marcantes as dificuldades nas relações entre grupos em decorrência de distintas concepções culturais, econômicas e políticas, ficou constatado que integrantes de um grupo atribuíam a integrantes de outros grupos, de forma generalizada, características negativas, desqualificadoras e

justificadoras das hostilidades presentes nas relações. Na Psicologia, em especial, desde tal época o fenômeno do preconceito surge como temática de preocupação e de interesse científico (MONTEIRO, 1997). Sobre o período inicial do século XX no qual ganhou forma a discussão do preconceito, deve ser assinalado que tanto no continente americano como na Europa ocorreram eventos marcantes que envolvem alterações nas relações intergrupais. Como registrou Rossow (2015), houve:

A oficialização da abolição da escravidão negra nas Américas, colonizada em toda a sua extensão por povos europeus, mas com o desafio de incorporar ao quadro de relações intergrupais, sem diferenciações formalizadas e legais, enormes contingentes de despossuídos que, até pouco tempo atrás, faziam parte da vida social apenas como força de trabalho que tem proprietários que dela podem usufruir com quaisquer propósitos e que pode ser comercializada. Na Europa, os conflitos étnicos (envolvendo, por exemplo, divergências linguísticas ou religiosas), disputas territoriais, e desigualdades econômicas, acirravam conflitos que conduziram a enfrentamentos bélicos (ROSSOW, 2015, p. 24).

Tanto o fenômeno do preconceito, que caracteriza um processo psicossocial, como os esforços teóricos e metodológicos para compreendê-lo, alteraram-se ao longo do tempo. Em relação às abordagens iniciais é possível falar em predomínio de uma perspectiva psicologizante nas quais características do indivíduo cujas ações permitiam classificá-lo como preconceituoso e discriminador eram identificadas como a origem de sua forma de agir, entre elas o tipo de personalidade, a generalização infundada, a rigidez do estilo de pensamento, a ignorância. Posteriormente, a partir da década de 1960, tornam-se disponíveis propostas nas quais a explicação do fenômeno do indivíduo considera que características compartilhadas por ele com os que lhe são próximos são corretas, adequadas e, portanto, superiores, “desloca-se do plano da personalidade para o plano das relações intergrupos”, importando analisar “as dimensões de diferenciação entre os grupos e as condições de emergência dessas dimensões” (AMÂNCIO, 1997, p. 290).

É indispensável mencionar, como exemplo do que foi chamado acima de perspectiva psicologizante, a obra de enorme abrangência produzida em 1954 pelo pesquisador estadunidense Gordon Willard Allport, intitulada *The Nature of Prejudice* (citada na presente produção como: Allport, 1962). Tal obra pode ser classificada como um monumental esforço de revisão de conhecimento, de sistematização de informações e de relações constatadas, além de discussão de proposições para interferir nas relações sociais com o objetivo de redução de hostilidades. Monteiro (1997), por exemplo, assinalou que a obra de Allport representou “esforço hercúleo de articulação e de integração de hipóteses” provenientes de diferentes áreas de conhecimento e “esteve na origem de todos os modelos que se desenvolveram até os nossos dias, no âmbito da psicologia social, sobre a formação, funcionamento e redução dos

preconceitos” (p. 313). De fato, o texto de Allport (1962), seis décadas após sua publicação, permanece como ponto de partida utilizado de forma recorrente para o estudo dessa prática persistente de se perceber e se avaliar cognitivamente e afetivamente a realidade a partir de critério único e indiscutível: as características e as normas do grupo do qual se é integrante.

O texto de Allport (1962) está repleto de exemplos que envolvem diferenças raciais e diferenças étnicas, ao mesmo tempo em que sequer menciona o preconceito contra homossexuais, o que não é incompreensível quando se considera a época referida e a forçada e quase absoluta invisibilidade da homossexualidade. O próprio Allport (1962), entretanto, já ressaltava a importância de um fator de intransigência presente nos dias atuais na discussão da homossexualidade. Diz o autor que quando se fala de preconceito é alta a chance de se pensar de imediato em preconceito racial, mas “quase sempre o preconceito e a perseguição tiveram outro fundamento; frequentemente se basearam na religião” (p. 10), mencionando como exemplos o fato de que judeus foram perseguidos por sua religião (e não por sua raça) e que mesmo a escravidão de negros africanos, paralelamente a ter proporcionado grandes ganhos econômicos, desenvolveu-se também com forte apoio em justificações religiosas.

A definição de preconceito proposta por Allport (1962) está bem difundida, estando disponível na grande maioria dos textos didáticos sobre o assunto. Ela prioriza como base do fenômeno a presença de generalização sem fundamento, sem base na realidade, ao propor que o preconceito é “uma atitude hostil ou desconfiada dirigida a uma pessoa que faz parte de um grupo, simplesmente porque integra tal grupo, presumindo-se, portanto, que possua as qualidades censuráveis atribuídas ao grupo” (ALLPORT, 1962, p. 22).

Na esteira do trabalho de tal autor foram formuladas diversas proposições que complementavam ou acrescentavam elementos ao modelo básico de compreensão do preconceito, mas mantendo a característica de afirmar que o preconceito se refere a uma orientação afetiva negativa de um ou mais indivíduos, decorrente de processamento cognitivo impreciso, dirigida a qualquer integrante de determinados grupos sociais (MONTEIRO, 1997; BROWN, 2010; LIMA, 2013).

No quadro atual da investigação sobre preconceito a convicção predominante é a de que o preconceito espelha as normas socioculturais dos grupos de pertencimento, e não a experiência social concreta do indivíduo em suas relações sociais. Nos termos de Lima (2013, p. 596) o preconceito decorre “das relações assimétricas de poder entre os grupos sociais”. Camino (1998) argumenta que o preconceito floresce em condições psicossociais que propiciam uma forma específica de organização dos processos afetivos e cognitivos, que

possibilitam justificar as diferenças sociais existentes, a partir do que dão suporte aos processos de hostilidade e de exclusão.

Em qualquer modalidade de preconceito é inevitável que existam modelos consolidados de como se deve agir. Esses modelos têm papel normativo, ou seja, a partir deles se dá a definição de quem é e quem não é adequado. É claro que esses modelos foram construídos no contexto de um quadro de relações de poder, construção essa comandada pelos grupos que dominam em detrimento dos dominados, que serão alvos do preconceito (LIMA, 2013). Compreender a adequação dessa proposição de modelos relacionados a grupos dominantes não é difícil, principalmente nos quadros tradicionalmente abordados no estudo do preconceito, como o preconceito racial, o preconceito étnico, ou o preconceito relativo à condição econômica, mesmo considerando que os grupos detentores de poder podem constituir minorias em termos de volume na população. São formas de preconceito que envolvem oposições diretamente pertinentes à estrutura socioeconômica, consolidadas de forma que estão inscritas, sem estarem escritas, nas práticas cotidianas das instituições escolares, jurídicas, penais, de saúde e nas empresas. Estão, por isso mesmo, menos disfarçadas, e a discussão de sua natureza econômica, cultural e política é menos evitável.

Para outras situações, entretanto, muitos indivíduos foram levados a terem dúvida em relação à comparabilidade com tais casos, e um exemplo é o da homossexualidade. Uma das razões para isso é o fato de haver uma história de menções à homossexualidade em associação com a esfera da imoralidade e da patologia (em BORRILLO, 2010, diversos aspectos dessa história são explorados): em textos legais, em dicionários, em manuais de saúde, em textos religiosos, em textos de humor, entre outros. Essa história contribuiu para tornar socialmente plausível a crença na necessidade de intervenção corretiva, de moralização, de tratamento médico ou psicológico. É a história da homofobia, a história da inferiorização em uma escala hierárquica das sexualidades, que decorre de “conferir um status superior à heterossexualidade, situando-a no plano do natural, do que é evidente” (BORRILLO, 2010, p. 15).

Ainda que o trabalho de Allport (1962) não tenha feito quaisquer referências ao preconceito contra homossexuais, manifestações de todos os tipos que ele arrolou não são estranhas a esse universo. Manifestações verbais de deboche ou desqualificação de homossexuais fazem parte do dia-a-dia, alimentam o anedotário brasileiro, e impregnam muitas manifestações veiculadas pelos meios de comunicação de massa. Segregações e interdições também são vividas por eles com muita frequência e sem que estejam disponíveis mecanismos administrativos e legais para enfrentá-las. Mesmo as manifestações de maior

intensidade não são estranhas ao universo dessas pessoas. Atos de violência física contra homossexuais são registrados com expressiva frequência no Brasil, inclusive graves espancamentos por indivíduos homofóbicos, além de assassinatos diretamente vinculados à condição homossexual da vítima (PRADO; MACHADO, 2012). Levantamento realizado em 2012 mostrou que ainda existiam países que punem com pena de morte práticas dessa natureza (ZEGGER, 2016). Até mesmo tentativas de extermínio de homossexuais em determinados contextos sociais já foram registrados na história humana, conforme trouxe Borrillo (2010).

Estudos sobre preconceito no Brasil têm se tornado mais frequentes, mas não se pode dizer que se trate de tema com destaque na literatura disponível nas áreas de Psicologia, Educação, Ciências Sociais e Saúde. Isso é o que mostra, por exemplo, o levantamento feito por Lima (2013). Busca por artigos a partir da palavra preconceito realizada na base SciELO (www.scielo.br) em 2008 localizou 40, com predomínio de estudos sobre preconceito racial e especificamente sobre preconceito homofóbico foram constatados apenas 5 artigos.

Lima (2013) informa que idêntico levantamento feito em 2012 localizou 108 artigos, o que mostra crescimento de interesse, ainda que se leve em conta o fato de a base na qual a busca foi feita ter sido ampliada. O autor reconhece o tamanho da dificuldade metodológica implicada na abordagem dessa difícil temática que é o preconceito, questão que já foi objeto de menção em ponto anterior do texto, ressaltando que ele é “algo indesejável, que aparece quase sempre como um problema do *outro*, seja do *outro* vítima, seja do *outro* autor, e raramente do sujeito que fala” (LIMA, 2013, p. 591, itálicos no original).

1 – Homossexualidade masculina: algumas considerações:

A sexualidade humana é uma dimensão da experiência social cujo desenvolvimento contribui diversos fatores, e que se caracteriza como um elemento determinante na constituição dos sujeitos. É uma dimensão marcada por tabus e interdições nas mais diversas sociedades humanas. É parte de tal realidade a formação do preconceito e a hostilidade contra homossexuais que, como também ocorre com outras modalidades de preconceito, atua como um importante mecanismo de manutenção de hierarquias sociais (morais, econômicas, políticas, raciais, de gênero), que é também identificado como homofobia. Prado e Machado (2012) assim se manifestaram sobre o assunto:

Em nossa sociedade, a não heterossexualidade foi gravemente condenada pelo discurso hegemônico que, influenciado pelo discurso religioso e médico-científico, legitimou instituições e práticas sociais baseadas em um conjunto de valores heteronormativos, os quais levaram à discriminação negativa e à punição de diversos

comportamentos sexuais, sob a acusação de crime, pecado ou doença (PRADO & MACHADO, 2012, p. 12).

Alexandre, Lima e Galvão (2014) assinalaram que, “historicamente, a homossexualidade, como categoria social, assumiu diversas representações e, por conseguinte, foi construída, identificada e significada de modos distintos, dependendo das exigências e da realidade socioeconômica, histórica e política de cada época” (p. 133). Nem sempre foi assim, uma vez que existem registros de que em períodos remotos de sociedades humanas bem conhecidas, relações íntimas entre pessoas do mesmo sexo não eram, necessariamente, percebidas sob a mesma ótica de relações problemáticas ou inaceitáveis.

Sousa Filho (2009) buscou o entendimento do termo “orientação sexual” com abrangência que estendesse os limites de perspectivas biologizantes e psicologizantes, de forma a destacar a importância do uso crítico do conceito. Trata-se de conceito proposto na década de 1980 como ferramenta de contestação e de estudo transformador da concepção da homossexualidade estigmatizada como “doença” e “inversão sexual”, em substituição aos termos “opção sexual” e “preferência sexual”. A adequação de tal termo contribuiu para a consolidação de seu uso, revelada no Brasil pela sua presença em programas sociais do Ministério da Saúde (ainda que tenha produzido reações de determinados setores), na série de fascículos *Adolescentes e Jovens para a Educação entre Pares*, do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE). Em tal documento consta que “a orientação sexual é uma atração espontânea e não influenciável que só pode ser conhecida plenamente pelo indivíduo que a vivencia. É, portanto, um equívoco dizer que se trata de uma opção sexual, pois não depende de escolhas conscientes nem pode ser aprendida” (BRASIL, 2011, p. 15).

Compreender o fenômeno do preconceito contra homossexuais como algo emaranhado nas relações humanas, com elementos complexos em sua origem, é empreendimento que envolve muitos passos. A presente pesquisa pretende ser mais uma colaboração em tal tarefa, buscando dados de interesse para o assunto em associação com o tema do envelhecimento.

Investigação de grande amplitude, cujo interesse para o presente estudo é central, foi realizada por Mota (2014). Em tal estudo, publicado como livro, o autor dirigiu seus focos de interesse para: a) as experiências dos 15 homens idosos entrevistados (com idades entre 60 e 78 anos) de descobrirem-se e assumirem-se homossexuais em contexto de heteronormatividade que poderia, considerando a época em que o viveram, ser classificado como absoluto; b) o envelhecimento e seus reflexos nas condições atuais que vivem quanto à sociabilidade e à saúde. Mesmo não estando no núcleo principal da investigação o fenômeno do preconceito, suas manifestações são reconhecíveis em diversos momentos das entrevistas.

Considerando algumas informações apresentadas nos parágrafos precedentes, fica evidente a possibilidade de que homossexuais, inclusive homossexuais idosos, vivam uma permanente preocupação de construir e preservar uma condição de invisibilidade de sua orientação sexual. Essa invisibilidade é característica que dificulta a realização de investigações com esse grupo, inclusive investigações sobre a vivência de preconceito. Nos estudos sobre preconceito que se valem de narrativas de homossexuais é possível até mesmo pensar no risco de resultados com validade questionável, uma vez que a invisibilidade cotidianamente produzida pode funcionar como condição protetora que minimiza as chances do indivíduo ser surpreendido como alvo de manifestações homofóbicas. Em tais casos, respostas sinceras que negam experiências de enfrentamento de preconceitos podem não representar a condição mais tipicamente vivida por muitos homossexuais.

A proposta constante do presente estudo teve de enfrentar dificuldades aludidas, uma vez que a pretensão foi a de verificar, a partir de relatos de homossexuais masculinos com mais de cinco décadas de vida, como perceberam e lidaram com situações nas quais, em seu entendimento, foram tratados de forma preconceituosa.

Interessou saber ainda se tais situações foram mais comuns e mais acentuadas em determinada época de suas vidas. Parte-se da convicção de que pessoas com as mencionadas características são os informantes mais qualificados para contribuir com dados significativos, considerando a natureza do estudo. É importante mencionar ainda a realidade de poucos estudos empíricos realizados no âmbito da Psicologia sobre o tema, em especial aqueles com dados coletados diretamente com a população homossexual, como evidenciam Alexandre, Lima e Galvão (2014) na revisão de literatura que realizaram. Essa mesma revisão não faz qualquer menção à existência de investigações, no terreno da psicologia, com homossexuais masculinos idosos, o que reforça a importância de dar voz a tal segmento social. Acrescenta-se que Paiva (2009) já havia alertado acerca do silêncio dos estudos sobre o envelhecimento homossexual no Brasil, destacando ainda o grande desafio dos que buscam lidar com aspectos geracionais relativos aos arranjos familiares, parentais e conjugais dos indivíduos que vivem nas condições LGBTs.

2 – Estratégia Metodológica:

2.1 – Participantes:

O conjunto de dados foi composto pelas transcrições de seis entrevistas com indivíduos de meia idade e idosos homossexuais de idades entre 55 e 62 anos (M= 58,1 anos),

residentes na região da Grande Vitória no Estado do Espírito Santo em 2015, cujas características profissionais os situam no âmbito da classe média. O estudo foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa (CAAE 49885915.2.0000.5542) e todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). Eles foram contatados, a partir da técnica “bola de neve”, na qual um entrevistado, após ter participado, conhecido o teor da entrevista e as características demandadas dos participantes, é convidado a indicar – eventualmente, até mesmo contatar e/ou autorizar contato em seu nome - pessoas de seu conhecimento que poderiam participar e contribuir com o estudo. Destaca-se a abordagem qualitativa utilizada no presente estudo para possibilitar a compreensão dos comportamentos, sentimentos e experiências dos participantes diante da interpretação do pesquisador, conforme a autora Minayo (2007) que se dedicou a tal abordagem.

2.2 – Procedimento de coleta dos dados:

O procedimento adotado para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, apoiada em roteiro elaborado especialmente para a investigação. Há um bloco inicial de questões que solicitam informações sócio-demográficas. A seguir, apareciam questões que solicitavam descrições de episódios em que os entrevistados se sentiram alvo de preconceito, em diferentes momentos de suas vidas, em quaisquer contextos, como, na família, na escola, no trabalho, nas situações de lazer, incluindo informações sobre comportamento adotado em cada caso. As entrevistas foram individuais, integralmente gravadas em áudio (Gravador de Voz Digital Sony Icd-Px 240 4gb) e realizadas em algum local previamente acordado, no qual o participante que se disponibilizou a colaborar com o estudo a pesquisa e sentia-se confortável para se expressar.

2.3 – Análise dos dados:

Após conclusão das entrevistas os relatos foram transcritos na íntegra pelos próprios pesquisadores, mantendo-se as gírias ou expressões utilizadas pelos participantes. As questões abertas foram tratadas segundo a Análise de Conteúdo categorial (BARDIN, 2011), de forma concordante com alguns autores que apontam que os estudos sobre as sexualidades, e especificamente a homoafetividade, que envolvem entrevistas semiestruturadas, tendem a utilizar a análise de conteúdo, justificando tais escolhas metodológicas por privilegiarem a experiência dos participantes, dessa forma dando espaço às vozes que possam estar

suprimidas pelo contexto em que vivem (DENZIN & LINCOLN, 2006; AMAZONAS, VERÍSSIMO & LOURENÇO, 2013).

De início o material foi lido exaustivamente com a finalidade de obter elementos para construir categorias de análise sensíveis às convergências e divergências entre os participantes. Estes participantes estão identificados com nomes fictícios a fim de garantir seu anonimato.

3 – Resultado e Discussão:

Os participantes que contribuíram para a realização do presente estudo passaram por diversas situações tanto positivas quanto negativas no decorrer de suas vidas, que se estendem por mais de cinco décadas. Ao narrarem aspectos de suas trajetórias, como momentos envolvendo situações familiares, no trabalho e nas amizades, eles puderam abordar vivências relacionadas ao preconceito por serem homossexuais. Para a geração deles, independentemente da condição socioeconômica e da escolaridade, é elevada a probabilidade de terem experienciado situações que variam do preconceito declarado ao preconceito sutil e velado.

Não é possível identificar aspectos que permitam propor qualquer tipologia entre os entrevistados. Todos têm idades muito próximas. Todos são profissionais com carreiras consolidadas (alguns já aposentados), têm nível superior de formação com exceção do Darcy. Quatro estão na condição de solteiros (Pasolini, Elton, Amacio e Luiz) e dois têm companheiros em relacionamentos fixos de longa duração (Robert, relacionamento de 15 anos; Darcy, relacionamento de 30 anos), mas não há relação constatável entre tais condições e o padrão de respostas fornecidas. Todos se identificaram como pessoas discretas, de forma que sua condição homossexual não é perceptível a qualquer pessoa em um primeiro olhar. Nenhum dos participantes foi casado com mulheres. Os entrevistados não têm filhos biológicos (Luiz tem um filho adotado quando tinha oito anos, que hoje é um adulto heterossexual). Seus relatos incluem temas em relação aos quais há grande concordância, mas também foram mencionados assuntos em relação aos quais existem discrepâncias notáveis. Uma única entrevista resultou em narrativa que difere das demais pelo fato de ter sido sistemática quanto à convicção do participante de jamais ter se percebido exposto a qualquer situação preconceituosa.

Desse modo, o trabalho interpretativo, como já mencionado, considerou as narrativas dos seis participantes em relação a todos os assuntos abordados como um único grupo, buscando concordâncias, divergências, além de identificar temas mencionados por apenas um

ou alguns dos entrevistados. Os assuntos e as categorias de conteúdos que os constituem, foram ilustrados com transcrições de afirmações selecionadas.

Na presente seção são apresentadas a descrição e a análise das situações relatadas pelos participantes como aquelas em que perceberam que estavam sendo alvo de preconceito. Estão incluídos tanto exemplos de situações vividas pelos próprios entrevistados como ocorrências pelas quais pessoas conhecidas deles passaram e que foram recordadas no curso das narrativas.

Indagados sobre se consideram que exista alguma diferenciação, em qualquer aspecto, entre homossexuais e heterossexuais nos ambientes em que frequentam, os participantes forneceram respostas heterogêneas. Luiz afirmou não haver diferenciação, assim como Darcy, que assegurou nunca as ter percebido e por isso acredita que não estão presentes. Elton afirmou que não as percebe, mas acredita que elas estejam lá. Amácio, Robert e Pasolini admitiram que as diferenciações existem e que são frutos da dificuldade de algumas pessoas compreender a homossexualidade, aceitar e conviver normalmente com homossexuais, como fazem com outras pessoas, inclusive com aquelas com quem têm alguma divergência.

Para Robert, os locais em que isso fica mais evidente são os bares, mas comentou que no local em que trabalhava (na polícia civil) também existia, inclusive sendo preterido em indicação para cargo de chefia por ser homossexual. Amácio comentou que essas diferenciações são bem perceptíveis em eventos sociais e familiares. Pasolini mencionou que o homossexual acaba tornando-se “especialista” em preconceito dada a frequência com que tem que lidar com situações em que ele se manifesta. É claro que tais experiências os prejudicam, resultando em mágoas, incômodos, constrangimentos. Alguns excertos de falas que são reflexões sobre o tema são reproduzidos na sequência, como exemplos das situações vividas:

Entre amigos e até entre os próprios homossexuais, entendeu? Então você encontra uma variedade de camadas de preconceitos que você vai tendo que lidar com isso ao longo dos anos, ao longo do tempo. Você vai ficando especialista em preconceito e aí você vê como o cidadão homossexual é vulnerável no Brasil, né? Como se a legislação fosse mais, por exemplo, em relação à questão da homofobia, se realmente passasse isso daria um empoderamento aos homossexuais em relação (...). Quantas vezes eu sofri uma agressão e poderia ter registrado uma ocorrência, que eu poderia ter defendido a minha cidadania e não tive como (Pasolini).

[Criticando a noção de opção sexual, dizendo que não se trata de opção] Imagina se eu ia optar por sofrer esse monte de preconceito de colegas, de amigos que conheci e que morreram, outros que morrem porque o Brasil é um país muito preconceituoso, mas acho que por força dessa luta dos gays no mundo, que começou nos Estados Unidos nos anos 60, anos 50, com o movimento gay, os direitos civis, depois na Europa, chegou aqui no Brasil (Robert).

[Falando sobre homofobia] Pois é, é uma coisa que eu até li uma vez. O negro ele sofre preconceito na sociedade, na rua e tudo, mas em casa ele tem apoio da família. E o gay sofre preconceito na rua, no trabalho e às vezes na família. Pior, às vezes na família é enxotado de casa, levado ao suicídio como em muitos casos aí. Então eu acho que é um absurdo não ser crime isso (Robert).

Inclusive tem leis hoje em dia que nos dá isso. Então eu vejo que quem é contra segura a língua um pouquinho, porque acha que pode ficar mais prejudicado do que a gente por não ser aceito. Leio muito, vejo o que acontece e tem muita coisa ainda. Você vê que matam, principalmente travesti são assassinados por preconceito, mas ninguém nunca que fosse chegado a mim, que eu conheça, que eu tenha intimidade (Darcy).

Elton e Darcy foram os únicos participantes que mencionaram de forma sistemática, em vários momentos das entrevistas, nunca terem sofrido qualquer preconceito ou qualquer tipo de violência devido à sua orientação homossexual. Ambos mencionaram conhecer casos muito constrangedores de preconceitos vividos por conhecidos (Elton chega a dizer que *é muito triste, é como se fosse com a gente*) ou casos dos quais tomaram conhecimento pelo noticiário. Esses dois são os participantes de mais idade, já na faixa de sessenta anos, ambos com uma carreira profissional bem sucedida em ambiente artístico. É importante ressaltar que Darcy, mesmo tendo sido tratado com deboche e desqualificação na escola, não levou tal fato em consideração quando afirmou que não sofreu qualquer preconceito. O mesmo Darcy, explicando durante a entrevista o fato de não esclarecer para sua família a respeito de sua condição, faz a ressalva: *Já pra minha família, não sei se estou fazendo você entender que não é preconceito deles, é uma questão de princípios e criação*. Elton, que é o entrevistado mais taxativo entre todos quanto ao fato de jamais ter sido alvo de preconceito faz algumas observações sugestivas ao fenômeno. Ele relata com orgulho ter ouvido de colega a seguinte declaração, sem perceber a carga de preconceito que ela comporta: *Eu tenho uma admiração tão grande por você porque você é homossexual e tem um comportamento tão exemplar*. Elton relata ainda que tem alunos jovens que são homossexuais e seus pais, que sabem de tal condição, assistem como apoiadores ensaios e apresentações artísticas deles, o que difere muito de sua própria experiência quando jovem, sem atentar para o fato de que o preconceito existiu em seu caso. Tais casos podem ser exemplos confirmadores da constatação de Castro, Abramovay e Silva (2004, p. 278) de que “muitas expressões de preconceitos e discriminações em torno do sexual tendem a ser naturalizadas, até prestigiadas e não entendidas necessariamente como violências”.

Situações de violência também foram relatadas pelos entrevistados. Deboches, xingamentos, provocações e mesmo violência física na escola ou na família, ocorridos na infância. Amácio narrou que foi vítima de um assalto em que o deixaram sem a roupa e acredita que agiram preconceituosamente com ele como uma forma de dar-lhe uma lição,

muito provavelmente devido à sua condição homossexual. Mesmo assim, ainda considera que deu a sorte de os policiais comportarem-se “*a seu favor*”, pois entenderam a situação e detiveram somente quem o assaltou. Avaliou que, dependendo da concepção dos policiais, o assaltante e assaltado gay poderiam ter sido detidos. Contudo, o participante tem ciência de que o assaltante foi preso devido ao ato de roubar, mas talvez não houvesse detenção “apenas” pelo fato de ter havido agressão a um homossexual.

O mesmo participante (Amácio) relatou ter sido vítima de outro assalto. No entanto, o relato descreve um fato que parece melhor classificado como furto, pois Amácio informa que pessoas com quem já se envolveu tentaram tirar coisas dele (coisas não identificadas) e isso deixou-o chocado, traumatizado. É possível dizer que seu relato mostra o quanto ele estava vulnerável a episódios desagradáveis no contexto das relações que estabelecia, como está exemplificado no excerto transcrito a seguir:

Agressão física, não. Já fui ofendido verbalmente, já fui assaltado, isso aí eu já fui. Já recebi ofensas assim. Até assaltado por pessoas mesmo, assim, que eu me envolvi com elas e elas de alguma forma, por raiva de mim, quererem me assaltar, tirar alguma coisa minha sem mais nem menos assim. A gente fica chocado, né? (risos). Um choque terrível, porque é uma forma de violência. Tá aquela pessoa ali e você não espera o que pode acontecer, mas de repente acontece, aí você fica traumatizado. É um trauma, é uma agressão, uma forma de agressão também (Amácio).

Também foi relatado um caso de assalto seguido de estupro coletivo, visto como decorrente da condição homossexual da vítima. O participante vítima de tal ato bárbaro, discorreu sobre o sofrimento que passou, não só devido ao fato em si, mas também à decepção que teve com pessoas que ele considerava serem seus amigos e que não o ajudaram a se recompor após o ocorrido. É importante assinalar que o fato aconteceu na época do surgimento da AIDS. Apresenta-se a seguir o relato sobre o fato, que não é breve, mas é muito marcante e revelador.

Estava aquela coisa da caça às bruxas, que a AIDS era uma doença transmitida pelos homossexuais... Eu sofri um assalto e sofri violência física. E graças a Deus escapei, não me mataram e enfim, eu não reagi. Naquele momento assim eu só esperava que eles me deixassem sobreviver. Olha só que situação: me assaltaram e me retiraram do espaço da rua, num bairro que eu não conhecia. Eram três assaltantes. Eles já tinham me espancado assim horas e eu não desmaiava e eles falavam assim: nossa, nós batemos tanto em outra pessoa, a pessoa desmaiou logo e ele não. Quer dizer, eu consegui ser resistente. Aí um assaltante resolveu falar: “vamos deixar o cara, vocês já pegou tudo dele”. Nisso eu já estava sem nada, estava sem roupa, sem nada, sofrendo o espancamento e a violência sexual que é tudo junto. Então o estupro é espancamento com a violência sexual tudo junto, né! É um ato de tortura. Então, quando eu vejo alguém subestimando o estupro eu faço questão de falar isso. Eu pedi ajuda numa casa de camponeses. Me deram uma roupa, pessoas bem paupérrimas, uma casa vizinha, era periferia, me arranjaram uma roupa, eu fui e cheguei com a cara toda deformada de hematomas pelo corpo inteiro e tal (Pasolini).

Nascimento e Pimentel (2011) estudaram, em Belém – PA, o funcionamento de instituições que zelam pelas políticas públicas previstas no combate à violência praticada contra homens homossexuais (e outras formas específicas de violência) e a compreensão dos seus gestores sobre o fenômeno. Concluíram, diante do pequeno volume de registros de injúria contra homossexuais em comparação com número bem maior dos registros de injúria racial, que é importante o atendimento diferencial que as delegacias especializadas prestam, pois os homossexuais podem sofrer preconceito duplo quando comparecem para fazer alguma denúncia, a depender do tipo de atendimento prestado pelos profissionais da delegacia.

Está em tramitação no Congresso Nacional brasileiro, desde 2006, um projeto de lei que objetiva definir os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de gênero, sexo, orientação sexual e identidade de gênero, estabelecendo tipificações e delimitando as responsabilidades do ato e dos agentes (BRASIL, 2006). Trata-se do Projeto de Lei 122, de iniciativa da deputada federal Iara Bernardi (PT-SP), em parceria com a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, dentre outras organizações nacionais afiliadas. A nova lei ainda não está em vigor, pois aguarda aprovação do Senado Federal, e em tal situação o simples fato de uma pesquisa ter proporcionado novos registros de casos de violências praticadas contra homossexuais representa contribuição cuja relevância social é evidente, pois é importante destacar que as manifestações homofóbicas continuam a ocorrer nesse quase vácuo legal.

Em continuidade, passam a ser apresentadas respostas dos participantes opinando sobre direitos sociais agora previstos em lei, com o objetivo de que permitem verificar se eles se percebem apoiados de forma equivalente a qualquer outro indivíduo. O ponto principal a ser considerado é o do reconhecimento da legalidade da condição de união estável entre pessoas do mesmo sexo, decidido pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em 2011. Tal reconhecimento representa um marco histórico no percurso da população homossexual, pois tais uniões sempre existiram e a partir de então, os casais passaram a ter assegurados direitos como pensão alimentícia e previdenciária, herança, licença médica, comunhão parcial de bens, entre outros benefícios.

Todos os participantes reconhecem a importância dessa nova legislação em termos de garantias. Vários deles encontraram oportunidade em seus relatos, mesmo sem terem sido indagados a respeito, para mencionar que sabem de casos em que, com a morte de um dos parceiros, sua família, que havia rompido relações e que nem sequer falava com eles, rapidamente apareceu para tomar posse do que era desse parente morto. Esse tipo de história parece ser emblemático como ilustração da falta de segurança jurídica mínima em que vivem

casais homossexuais. O que foi dito por Elton reflete a opinião sobre o tema da união estável: *Eu acho que agora, esse tipo de coisa que está acontecendo de união estável e que te garante direito, eu acho ótimo, perfeito, eu acho que todo mundo tem direito.*

Sobre a segurança jurídica em termos mais gerais e sobre a redução do preconceito em decorrência das novas leis, ainda há questionamentos por parte dos participantes. Amácio e Luiz, por exemplo, argumentaram que as garantias ainda são imprecisas, mas de qualquer forma estão sendo conquistadas, como ilustram os trechos de falas subsequentes:

Eu acho que as garantias ainda são pequenas, porque quando você recebe uma ofensa você não tem o direito de denunciar a pessoa pra que ela se posicione ou pra que ela seja punida de alguma forma pelo ato dela se manifestar preconceituosamente em relação a uma outra pessoa de uma outra opção sexual (Amácio).

Está chegando, porque temos o direito de que já podemos casar e tudo, mas ainda tem gente que é contra. Tem gente que briga ainda contra isso. Você não pode beijar em público, você pode casar, pode casar nesse país, mas vai beijar aqui na praça, um homem beijando outro homem, pra ver a confusão que dá (Luiz).

Pasolini também destacou a importância do amparo legal proporcionado pelo reconhecimento do contrato social de união entre pessoas do mesmo sexo, tomando como exemplo a sua situação de após o fim de um relacionamento de 20 anos, não ter tido direito a um imóvel que o ex-companheiro adquiriu, apoiado em parceria financeira, enquanto estavam juntos. Como tudo foi feito com base na confiança mútua não foi possível levar adiante qualquer reivindicação legal.

Quanto a episódios de preconceito vivenciados pelos participantes em seus locais de trabalho ou no contexto de processos seletivos para empregos, apenas um entrevistado reconheceu com clareza a existência de tais episódios. Relatou não ter sido contratado para um trabalho por ser homossexual, quando era jovem.

Ainda posso ser vítima de assédio, por exemplo, na portaria do prédio que eu moro, com funcionários onde eu trabalho, com alunos (eu já dei aula) na escola. Você sempre ouve uma piadinha, uma coisa (...) (Pasolini).

Um cara desistiu de eu fazer uma propaganda porque ele descobriu que eu era homossexual, que eu não servia porque eu era homossexual, mas eu era um ator, eu poderia criar um personagem. Ele se baseou só no estereótipo achando tipo assim “você me trouxe uma bicha, eu queria um ator, eu preciso de um ator” (Pasolini).

Esse mesmo participante mostrou-se muito incomodado quanto ao fato de ter havido questionamento, quando de sua nomeação para um importante cargo público estadual de direção, sobre a capacidade de um homossexual ocupar tal função.

Do próprio trabalho aqui, sabe, as pessoas questionavam porque, como um homossexual pode ser diretor do [nome da instituição], entendeu? Quer dizer, como isso é recorrente, isso tá sempre presente, apesar de eu ter compreendido lá atrás que

a sua vida profissional, a sua obra, está além dessa questão de com quem você fica, com quem você dorme, do que você faz entre quatro paredes (Pasolini).

Nenhum outro entrevistado relatou episódios nos quais se perceberam alvo de preconceito ou discriminação no ambiente de trabalho, mas alguns relataram situações de ambivalência que viveram, nas quais certas evidências muito sugestivas de preconceito foram minimizadas, como indicam os trechos de respostas transcritos a seguir:

No trabalho? Não assim abertamente. Acho que nunca aconteceu isso não, agora eu sinto que às vezes as pessoas agiam de modo estranho comigo, entendeu? Aqui no trabalho mesmo, algumas vezes a gente percebe as pessoas tratarem a gente com uma certa diferença, não sei, mas uma coisa não muito aberta, como xingar (Amácio).

Olha, como eu te falei, no meu trabalho eu nunca sofri isso, sempre me respeitaram, eu sempre fui a pessoa muito discreta. Mas eu lembro que me contaram que teve uma coisa de preconceito efetivo em 98 quando eu ficava na chefia no setor que eu trabalhava e o chefe aposentou. Aí a pessoa natural pra ser o chefe seria eu porque eu trabalhava no setor e tem uma hierarquia natural pra ser seguida, então eu era pra ser o chefe, mas, surpreendentemente, não fui indicado. Indicaram uma mulher de outro setor e depois uma amiga minha me falou: não lhe botaram porque falaram que você era gay, porque você saía, bebia (Robert).

O ponto seguinte a ser abordado é o das reações dos participantes diante das situações preconceituosas em que se viram envolvidos. A resposta mais comum é a que revela preferência pela discrição, pela opção de ser reservado nas situações sociais, evitando envolvimento que exija ações mais diretas e objetivas de discussão e/ou contestação, optando pelo afastamento e pela evitação de certas pessoas e certos locais. Fica claro que tal estratégia de ação está relacionada com a segurança pessoal, indicando que a percepção de maior vulnerabilidade a riscos é parte do cotidiano de homossexuais. Todos os entrevistados, em algum momento, apresentaram respostas com tal teor. São exemplos dessas respostas:

Eu reagia com a indiferença, eu parava de falar com a pessoa. Parava mesmo, entendeu? (Pasolini).

Até pelo fato de eu ter esse comportamento mais reservado, pode ser que seja até uma forma de me proteger. Na verdade deve ser (Elton).

Eu não tento me proteger, até porque não tem nem como (...). Se estou andando na rua e alguém passa e fala isso ou eu vou a algum lugar e for tratado com alguma forma de preconceito, eu não vou lá mais, eu rejeito esse lugar, eu que vou passar a rejeitar de não comparecer mais naquele lugar. Agora quando ocorre na rua, que uma pessoa fala, [ignoro] pra não criar conflitos, não é? (Amácio).

Reajo com desprezo (Luiz).

Sempre fui uma pessoa muito discreta. E as pessoas tem isso com gay que é discreto, é bem aceito. Mas eu me protejo (...). Mas não é isso não, isso não é por causa de timidez mesmo, é medo também, não é? Porque existe agressividade (Robert).

Eu fico sempre na minha. É aquilo que eu te falei, como a gente não aprendeu a brigar, a gente é mais tranquilo. Não fico mais ali, eu sou apolítico, não me envolvo

tanto e pra mim está tudo bom (risos). Como o pessoal fala que o gay vê o mundo através de um óculos cor de rosa, tudo está bom (Darcy).

Os participantes também forneceram respostas relatando outras estratégias, indicando que não há formas sempre repetidas e seguras de enfrentar situações de preconceito, o que, de resto, deve valer para todos os tipos de manifestações preconceituosas, pois nelas a violência é sempre componente latente. A variedade de reações possíveis pode guardar relação com a natureza da situação e também com a idade dos envolvidos. Pasolini, por exemplo, relatou que em algumas situações antecipa-se, mostrando que percebeu a manifestação iminente de preconceito, deixando claro que ela não o afeta, esvaziando a surpresa do ato. Amácio, por sua vez, afirmou que ter formação que possibilite agir com educação e respeito nas interações sociais já é uma forma de proteção, e ele procura valer-se de tal possibilidade. Luiz relatou ação de enfrentamento mais direto ocorrida quando era mais novo, e admitiu que sua reação pode envolver desde manifestação de desprezo pelo responsável da ação preconceituosa até o revide agressivo, como mostra com clareza sua afirmação reproduzida abaixo:

Eu tenho o pavio meio curto, né? Dependendo da hora, do lugar e tudo eu posso ter mil reações, inclusive uma porrada na cara do sujeito. Esse negócio de levar desaforo pra casa é difícil. Hoje mesmo eu estava contando um episódio que aconteceu: passei na frente de um bar e tinha uma mesa ocupada por dois casais. Um dos rapazes virou para o outro e falou bem assim ‘aí uma bicha doida’, falou para que eu ouvisse. Aí virei e falei bem assim: olha, bicha vocês conhecem, né? Agora vocês vão ver a doida. Peguei a mesa deles que tinha salgado, cerveja e tudo e virei em cima deles. Aí veio um pra cima de mim e eu bati com a garrafa no meio fio assim, quebrou e mostrei ‘vem, vem...você é tão homem, vem!’. Naquela época eu tinha 30 anos, vinte e poucos anos, podia fazer essas coisas, hoje não mais... Eu era mais esquentado, hoje eu já aprendi muito, não faço mais isso (Luiz).

Assim como se percebe na resposta de Luiz, outras respostas também indicam que o mesmo indivíduo, mesmo tendo um estilo próprio de lidar com as situações, pode valer-se de estratégias distintas, a depender dos atores, dos locais e dos atos preconceituosos. A esse respeito, Rossow (2015) argumenta que é como se existisse um tipo de cálculo imediato que regulará a reação cabível, no qual o peso de elementos diferentes é ponderado para que haja o fornecimento rápido da informação sobre o “custo” de cada tipo de estratégia de reação possível.

Como um exemplo de informação a ser englobada nesse suposto cálculo, pode ser mencionada, inclusive, a classe social dos atores envolvidos. Todos os participantes da pesquisa afirmaram que a classe social faz alguma diferença em termos da aceitação e da interação não preconceituosa com homens homossexuais. No entanto, a direção das respostas quanto ao grupo mais preconceituoso foi múltipla e por vezes incluiu o nível de instrução como algo correspondente a classe social. Pasolini afirmou que a classe média é a mais

intolerante. Elton disse que pessoas de “melhor nível cultural” aceitam com mais facilidade a convivência, pois para os pobres tudo é mais difícil. Amácio opinou no sentido de que homossexuais ricos são mais aceitos, inclusive pelas famílias. Luiz declarou julgar que gays são aceitos em todas as classes, mas os mais pobres, mais simples, aceitam melhor. Robert considerou que as relações são piores na classe média, porque “gente mais pobre e mais rica é mais desapegada do moralismo”, pois rico não dá satisfação a ninguém e pobre está preocupado com outras coisas. Darcy respondeu que “pessoas com menos cultura” têm mais dificuldade de compreender e aceitar. A diversidade de respostas acima revelada pode ser tomada como indicação de duas possibilidades a serem consideradas: os entrevistados, indivíduos potencialmente sujeitos ao preconceito, não dispõem de informações seguras para nortear suas avaliações e a fazem com base nas circunstâncias específicas que viveram em termos de grupos com os quais têm contato; ou o preconceito contra os homossexuais está tão arraigado e disseminado ao ponto de impossibilitar a constatação de associações diferenciadas seguras com esse ou com aquele grupo.

Em relação ao questionamento seguinte apresentado aos entrevistados, sobre em qual classe social eles julgam ser mais fácil assumir a homossexualidade, as respostas mostraram diversidade assemelhada àquela que acabou de ser relatada sobre a classe que lida de forma menos preconceituosa com os homossexuais. Mesmo quem já viveu várias décadas como homossexual tem dificuldade de obter conhecimento preciso sobre diversos aspectos das muitas interfaces de interação da sociedade em que vivem com a homossexualidade, mas sabendo que em algumas delas a hostilidade e a violência estão presentes. Uma das consequências é a da conformação com um universo restrito em termos de mobilidade e de amplitude de ações, criando mundos próprios menos inseguros, que é um cenário que o presente estudo parece, de fato, revelar.

Um exemplo significativo dessa limitação cotidiana foi mencionado por Darcy, que mora parte do tempo em Vitória e parte no Rio de Janeiro. Um sobrinho iria sair de uma cidade do interior do Espírito Santo para cursar universidade no Rio de Janeiro e a mãe dele (irmã de Darcy, que conhece a orientação sexual do irmão e mantém com ele relação muito boa) queria que ele fosse morar com o tio. Darcy propôs ajudar para que o sobrinho pudesse morar em outro lugar, podendo fazer refeições em sua casa, mas sem morar com ele. Sua justificativa para a irmã foi clara: *falei que o meu mundo é tão pequenininho, eu não posso sair de mãos dadas, eu não posso beijar na rua porque na época não era permitido também, eu não posso fazer um carinho no cinema, então meu mundo é o meu apartamento. Se eu boto*

uma outra pessoa eu estou sendo invadido naquele mundinho que sobrou pra mim. E foi feito dessa forma.

Foram relatados episódios em que são visíveis as manifestações preconceituosas das mais diversas modalidades eventualmente vividas pelos entrevistados: provocação, deboche, desqualificação verbal, xingamento, segregação, barreira impeditiva de aproveitamento de certas oportunidades, furto e exploração financeira, violência física, e violência sexual. Em relação às modalidades de práticas preconceituosas descritas por Allport (1962) só não há exemplos de extermínio.

Essas ocorrências preconceituosas revelam um aspecto do contexto de vida dos homossexuais, que fica claro nos dados obtidos: com seis décadas de vida os entrevistados ainda permanecem vivendo sob risco para a sua segurança pessoal decorrente da condição homossexual. Vale lembrar que estamos falando de seis indivíduos que vivem discretamente, sem preocupação de anunciar sua orientação homossexual a todo momento a partir de sinais reconhecíveis pela maioria das pessoas, com preocupação de evitar ferir susceptibilidades e provocar reações. Não é absurdo pensar que homossexuais com características distintas podem estar ainda mais vulneráveis em termos de segurança.

Essa reiterada condição de insegurança fez parte do desenvolvimento dessas pessoas, foi e continua a ser aspecto interferente na constituição de sua identidade. É difícil imaginar que a ambivalência não seja componente importante dessa identidade conflituosa (Robert, em sua entrevista, diz: *até hoje me reprimo, ainda é problema para mim*), e algumas críticas e restrições dos entrevistados a certas características e manifestações de outros homossexuais são reveladoras a esse respeito. Essa condição de insegurança foi e continua a ser fator limitante de suas práticas (manifestações afetivas, relações familiares, interações com amigos, atividades de lazer, cultivo de interesses pessoais, e em alguns casos até mesmo opções de trabalho). O fato de hoje serem senhores com várias décadas de vida parece associado a mudanças apenas nas relações familiares, que alcançaram uma condição amistosa de aceitação (in)conformada.

O impacto dessa insegurança, erguida pela tradição preconceituosa de considerar que qualquer manifestação que não esteja tipificada como heterossexual é anormal, imoral, desavergonhada e/ou patológica, é visível quando os entrevistados falam de sua preferência por atividades nas quais se expõem menos e reconhecem sua limitação de transitar livremente por todos os espaços sociais (caracterizando uma forma de auto-segregação defensiva que dispensa a imposição formal de segregação compulsória), deixam claro que não contam com suporte legal para determinadas reações ou reivindicações, e optam por responder que, diante

da hipótese do preconceito acabar, avaliam que sua segurança e sua cidadania plena seriam realidade.

Um ponto adicional a ser comentado diz respeito ao fato de que algumas respostas dos entrevistados são sugestivas de que eles acreditam que muitos indivíduos heterossexuais (especialmente, pela convivência mais próxima, familiares, amigos e colegas de trabalho) estão consolidando a convicção de que o rótulo homossexual engloba grande diversidade de estilos, de formas de agir e de interagir. Em outras palavras, começam a perceber que não é adequado generalizar sem fundamento, muito menos a partir de um estereótipo forjado em épocas passadas. Talvez como resultado de mais informação, de menos invisibilidade, de menos medo do desconhecido que agora é mais conhecido, em parte decorrente das várias ações promovidas pela militância contra a homofobia e da popularização de tais ações (mesmo que elas não tenham apoio de toda a diversidade homossexual), não é visível apenas a dicotomia isso ou aquilo. Passa a ser visível uma distribuição mais complexa de componentes e de fronteiras. Algo como um mapa, ainda impreciso, da diversidade homossexual, retomando uma expressão utilizada em ponto anterior do texto. Elton, por exemplo, usou a seguinte expressão: *você tem várias, várias, várias diversidades*. Essa ideia de uma diversidade sobre a qual ainda há bastante a aprender não é estranha aos próprios homossexuais. Três dos participantes da presente investigação (Pasolini, Elton e Amácio) relataram (sem que tenha havido qualquer pergunta a respeito) já terem tido relacionamento homoafetivo com indivíduos que se consideram heterossexuais, e deixaram claro que viver esse tipo de situação causou-lhes estranheza. Oliveira Júnior e Maio (2013) mencionaram em seu estudo pessoas desse tipo, que se identificam como heterossexuais, mas que em vários ou em alguns momentos da vida têm experiências sexuais com pessoas do mesmo sexo para satisfação sexual de tipo não habitual ou por fantasia erótica, e que não se reconhecem como homossexuais e nem mesmo como bissexuais.

Considerações Finais:

Os participantes constituíram um grupo formado por pessoas com muitas semelhanças em diversas de suas características, sem que isso tenha sido planejado como parte do estudo. Essas semelhanças incluem características sociodemográficas como idade, escolaridade, classe social, profissionalização em atividades com padrão comparável de exigência de competências, sucesso profissional, ausência de filhos biológicos. Mostraram-se muito semelhantes também em outra esfera: todos se descrevem, em relação ao momento atual, como pessoas discretas, que não ficam “levantando bandeira”, ainda que hoje, como senhores

que são, não tenham preocupação de manter em sigilo sua orientação sexual. Ficou claro que não atuam politicamente em movimentos que buscam a criminalização da homofobia, mesmo que sejam favoráveis a tal reivindicação. A similaridade entre os participantes, ainda que possa ter atuado como fator limitador em algum aspecto, não impediu a produção de narrativas diversificadas, que evidenciam experiências exclusivas a cada indivíduo e ao seu contexto de desenvolvimento na família, nas escolas, na profissão, nos grupos de amizade e na vida amorosa.

No entanto, nessa diversidade narrada é possível localizar uma série de aspectos vividos de forma comum, provavelmente pela rigidez que marca a relação de muitos setores da sociedade com a homossexualidade. Um desses aspectos é a percepção nítida, por parte de todos os entrevistados, de que viviam uma condição diferenciada desde a infância. Essa percepção se dava acompanhada de vivências que levavam a uma conflituosa convicção de que tal condição não era algo aceitável, precisava ser escondida da família e de quase todas as demais pessoas, era uma imoralidade, era uma doença, era algo que talvez fosse melhor reprimir. Esse processo se estende em regime de semi-clandestinidade durante a adolescência, fazendo parte do processo de formação da identidade, talvez mais marcado por mais conflitos do que o processo equivalente vivido por outros adolescentes que não se encontram na mesma condição.

Entre os entrevistados houve reconhecimento quase unânime de que alguns setores da sociedade, nos dias de hoje, lidam de forma mais compreensiva e menos hostil com as relações homoafetivas. O motivo deles serem indivíduos de meia idade e idosos permitiu que estabelecessem comparação entre dois momentos relativamente distantes no tempo - os dias atuais e a época de sua infância e juventude. O fato de avaliarem que ocorreram mudanças é, sem dúvida, auspicioso, mas fica evidente que os participantes percebem que essas mudanças são limitadas e que ainda não é possível vislumbrar o fim do preconceito. Dispositivos legais, como alguns já vigentes, podem contribuir para que uma maior redução nas hostilidades e discriminações se concretize.

Tudo o que foi dito até aqui confirma que ainda há muito a investigar e compreender sobre o assunto, assim como há muito o que fazer. Para melhor fazer é importante a ampliação do conhecimento. Fazer alguma coisa sempre produzirá resultados que podem renovar e estimular a investigação e a ampliação do conhecimento, no caso, conhecimento sobre preconceito contra homossexuais, sobre homofobia.

PERCEPTIONS OF PREJUDICE IN MIDDLE-AGED AND OLDER HOMOSEXUAL INDIVIDUALS IN FAMILY, WORK AND FRIENDSHIP CONTEXTS.

Abstract:

The aim of this study was to investigate how middle-aged and older homosexual individuals interpreted and conducted themselves in situations which they perceived prejudice against them. The research is qualitative and six gentlemen, from Vitória (ES), in 2015, contacted from the "snowball" technique, were interviewed after the signing of the Term of Consent. For data collection it was used semi-structured interviews supported in script containing socio-demographic issues and questions talking about possible situations of prejudice and discrimination, and also the strategies used by the participants to deal with the occasions on which they believe they have been discriminated against in their family, love, professional relationships and friendships, in any stage of their lives. After the data collection, the interviews were transcribed verbatim and treated according to categorical content analysis. The results showed that half of the participants feels supported by social rights guaranteed by law to a heterosexual. About episodes of prejudiced in their workplaces or job selections, most said they had not suffered from it. However, there are ambivalent elements in the speech of some participants, implicitly revealing situations which they have passed, and also other situations that they were dubbed or offended by derogatory words toward homosexuality. There were cases of physical aggression. Therefore they seek to safeguard themselves as a means of protection, and according to the results it was possible to get a clearer understanding of prejudice in the context of the life of the participants and may contribute and broaden discussions about the phenomenon and the theme of homosexuality and aging.

Keywords: Prejudice; Homosexuality; Aging.

PERCEPÇÃO DE PRECONCEITO EM INDIVÍDUOS DE MEDIANA EDAD Y ADULTOS MAYORES, EN LOS CONTEXTOS DE FAMILIA, TRABAJO Y AMISTADES

Resumèn:

El objetivo fue investigar como individuos de mediana edad y adultos mayores homosexuales interpretaron y se comportaron en situaciones en las cuales se percibieron al blanco del prejuicio. El estudio es de naturaleza cualitativa y fueron entrevistados seis adultos mayores en la ciudad de Vitória (ES) em el ano 2015, contactados a partir de la técnica "bola de nieve" después firmar el Término de Consentimiento Libre Esclarecido. Para la colecta de los datos fue utilizado la entrevista semi-estructurada apoiada em uma encuesta con preguntas sociodemográficas y abiertas, sobre posibles situaciones de preconceito y discriminación sufridos, así como las estrategias utilizadas por los adultos mayores para lidiar en ocasiones en las cuales creen haber sido discriminados en relaciones familiares, amorosas, profesionales y de amistad, em el ciclo de la vida de ellos. Después de la colecta de información, las entrevistas fueron transcritas em la íntegra y tratadas según la técnica de análisis de contenido categorial. Los resultados apuntaron que la mitad de los participantes se sintieron apoyados igualmente a un heterosexual em lo que trata respecto a los derechos sociales garantidos por la ley. Sobre los episodios de prejuicio vividos en sus lugares de trabajo o en las selecciones de

emprego, a maioria diz que não sofreram. Sem embargo, há elementos ambivalentes em o discurso de alguns, revelando implícitamente situações que passaram, sendo ofendidos com palavras pejorativas em relação a su homossexualidade, habendo casos de agressões físicas sofridas. Em este sentido procuraram resguardarse como maneira de proteção y mediante los resultados fue posible obtener una comprensión más clara sobre preconceito em o contexto de la vida de los participantes, pudiendo contribuir y ampliar las discusiones acerca del fenómeno y la temática de la homossexualidade y el envejecimiento.

Palabras clave: Preconceito; Homossexualidade; Envejecimiento.

Referências:

ALEXANDRE, M.E.S.; LIMA, E.D. & GALVÃO, L.K.S. Homossexualidade e a Psicologia: revisitando a produção científica nacional. **Revista Brasileira de Psicologia**, v. 1, n. 2, p. 132-147, 2014. Disponível em: <<http://revpsi.org/homossexualidade-e-psicologia-revisitando-producao-cientifica-nacional/>>. Acesso em: 20 abril 2015.

ALLPORT, GORDON WILLARD. **La naturaleza del prejuicio**. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1962.

AMÂNCIO, L. Identidade social e relações intergrupais. In: VALA, J.; MONTEIRO, M. B (Orgs.). **Psicologia Social**. Lisboa: FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, 1997, p. 287-307.

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRASIL. Portal Atividade Legislativa on-line. **Projeto de Lei da Câmara, nº 122**, de 2006. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p_cod_mate=79604>. Acesso em: 14 fev. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Adolescentes e jovens para uma educação entre pares: diversidades sexuais**. V. 8. Brasília: Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais do Ministério da Saúde, 2011.

BROWN, Rupert. **Prejudice: Its Social Psychology**. West Sussex: Wiley-Balckwell, 2010.

CAMINO, Leoncio. Direitos humanos e psicologia. In: Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia (Org.). **Psicologia, ética e direitos humanos**. Brasília: CFP, 1998. p. 39-63.

CASTRO, M.G., ABRAMOVAY, M.& SILVA, L.B. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: Unesco, 2004.

DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira. Preconceito. In: Camino, L.; Torres, A.R.R.; Lima, M.E.O. & Pereira, M.E. (Orgs.). **Psicologia social: temas e teorias**. Brasília: Technopolitik, 2013. p. 589-640.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MONTEIRO, Maria Benedicta. Conflito e negociação entre grupos. In: Vala, J.; Monteiro, M.B. (Orgs.). **Psicologia Social**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997. p. 309-352.

MOTA, Murilo Peixoto. **Ao sair do armário, entrei na velhice... Homossexualidade masculina e o curso da vida**. Rio de Janeiro: Móbile / Faperj, 2014.

NASCIMENTO, L.C.S.; PIMENTEL, A. Delegacia e defensoria pública no combate à homofobia em Belém do Pará. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 35, p. 43-57, ago./dez. 2011. Disponível em: < <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/1736>> Acesso em: 21 fev. 2016.

OLIVEIRA JÚNIOR, I.B.; MAIO, E.R. Opção ou orientação sexual: onde reside a homossexualidade? In: III SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL, 2013, Maringá-PR. **Anais do Simpósio Internacional de Educação Sexual**, Maringá-PR, 2013, p. 1-12.

PAIVA, Crístian. Corpos/seres que não importam? Sobre homossexuais velhos. **Bagoas**, v. 3, n. 04, p. 191-208, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2303/1736>> Acesso em: 28 jan. 2016.

PRADO, M.A.M.; MACHADO, F.V. **Preconceitos contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ROSSOW, Beatriz Baptista Tesche. **“Da nobreza primeira”**: Lembranças de pretos velhos e o fenômeno do preconceito. 205 f. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

SOUSA FILHO, Alípio de. A política do conceito: subversiva ou conservadora? - crítica à essencialização do conceito de orientação sexual. **Bagoas**, v.3, n. 04, p. 50-77, 2009. Disponível em:< <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2296/1729>> Acesso em: 07 fev.2016.

ZEGGER, Ivone. **Direito LGBTI – Perguntas e Respostas**. São Paulo: Mescla, 2016.

Data de recebimento: 31/07/2016.

Data de aceite: 01/11/2017.

Sobre os autores:

Larissa dos Santos Alves é psicóloga pela Universidade Federal do Vale do São Francisco UNIVASF (2014) e mestre em Psicologia com ênfase em processos psicossociais pela Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-ES (2016). Endereço Eletrônico: larissa_alves_25@hotmail.com

Paulo Rogério Meira Menandro concluiu Graduação em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB, 1974) e Doutorado em Psicologia (Psicologia Experimental) pela Universidade de São Paulo (USP, 1983). Desde 1982 é Professor da Universidade Federal do Espírito Santo, atuando no Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia e desde janeiro de 2010 é Professor Titular, Vitória-ES. Endereço Eletrônico: menandropaulo@gmail.com